

In: *Anais do XI Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. I Encontro de Estudos Japoneses*. Brasília, Universidade de Brasília/ Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, 2000, p. 97-100.

ESTUDOS JAPONESES NO BRASIL: ANTROPOLOGIA/SOCIOLOGIA

Ronan Alves PEREIRA
Universidade de Brasília /
Universidade da Califórnia-Berkeley (pesquisador-visitante)

Meus argumentos básicos sobre a situação e perspectivas para os estudos japoneses no Brasil já foram apresentados anteriormente (Pereira 1998, 1999a e 1999b). Portanto, abordarei o tema de maneira bastante sucinta e lançarei, ao final, minhas sugestões para debate.

Antes de iniciar minha exposição, gostaria de aclarar que os dados apresentados sobre as áreas de antropologia e sociologia não se baseiam em uma pesquisa exaustiva. No entanto, reconheço que, para falar sobre os estudos japoneses em minha área de atuação, eu precisaria fazer um levantamento muito mais detalhado e completo. Para se ter uma idéia da situação atual, no diretório de Estudos Japoneses no Brasil, editado pela Fundação Japão (1998), constam apenas seis antropólogos e três sociólogos no universo de noventa e cinco pesquisadores acadêmicos da área de humanidades. É certo que esta cifra não cobre a situação atual, visto que inclui apenas pesquisadores com atividades acadêmicas ou com grau mínimo de mestre, filiados a alguma instituição acadêmica.

No contexto das ciências sociais, encontro três sentidos ou categorias englobadas pelo termo “*estudos japoneses*”:

1. *Estudos sobre o Japão*: curiosamente, esta parece ser a categoria menos pesquisada pelos antropólogos e sociólogos brasileiros até a década de 80. Em primeiro lugar, há a barreira da língua; depois, o tema “Japão” não chegou a despertar o interesse dos cientistas sociais brasileiros até recentemente (os antropólogos se concentraram em temas nacionais, privilegiando o estudo de sociedades indígenas e camponesas, de grupos minoritários, etc; os sociólogos focaram, por muito tempo, temas político-econômicos, como o desenvolvimento nacional e os movimentos sociais). Nas últimas duas décadas, encontro os trabalhos de profissionais como Helena Sumiko Hirata (sociologia do trabalho) e de brasileiros que se especializaram no Japão com bolsas do governo japonês (por exemplo, a dissertação de mestrado de Júnia Leonel sobre a minoria social burakumin e a minha, sobre religiosidade japonesa).

2. *Estudos sobre as relações Brasil-Japão*: esta também não é uma categoria muito privilegiada nas disciplinas científicas de que estou tratando. Aqui, o tema mais recorrente e que, por vezes, engloba as três categorias de estudos japoneses é a pesquisa sobre o fenômeno dekasegi (trabalhadores temporários no Japão, de origem nipo-latino-ameri-

Kawamura e Ellen Woortman; as dissertações de mestrado de Adriana Capuano e Elisa M. Sasaki; e o levantamento coordenado pelo Centro de Estudos Japoneses, com a presença do antropólogo Kôichi Mori. (É interessante notar que o tema *dekasegi* também tem despertado o interesse de pesquisadores do Japão, Estados Unidos, América Latina e Europa.)

3. *Estudos sobre a comunidade nipo-brasileira*: das três categorias, esta é a que apresenta o maior número de publicações. Os primeiros estudos sistemáticos sobre essa comunidade remontam à década de 40, com publicações de Herbert Baldus, Emílio Willems, Tavares de Almeida e Hiroshi Saito; nas décadas seguintes despontaram outros pesquisadores como Seiichi Izumi, Veríssimo de Melo, Ruth Corrêa L. Cardoso, Philip Staniford, Francisca Izabel S. Vieira, Arlinda Rocha Nogueira, Waldemar Valente, Takashi Maeyama, Hirochika Nakamaki, Célia Sakurai, Cristina M. da Rocha e outros. Teses de pós-graduação têm sido defendidas sobre o tema na USP, Unicamp, Universidade Estadual de Maringá, UnB, PUC-SP e outras. Um tema que começa a formar um núcleo consistente de pesquisa é o da religiosidade japonesa no Brasil, sobre o qual já encontrei treze teses de pós-graduação já defendidas (onze no Brasil, uma no Japão e outra nos Estados Unidos) e mais sete a serem defendidas em breve. Também percebo um crescente interesse de lingüistas em trabalhar no campo da sociolingüística ou, pelo menos, na interface entre lingüística, sociologia e/ou antropologia.

Os levantamentos feitos pela Fundação Japão têm demonstrado um crescimento qualitativo inquestionável no campo mais amplo dos estudos japoneses no Brasil. Entretanto, mais que reforçar esta constatação, passo a indicar alguns desafios que ainda precisam ser confrontados, tanto pelas instituições envolvidas quanto por cada um dos pesquisadores dessa área acadêmica.

1. A língua ainda constitui uma grande barreira para muitos especialistas que não estão na área de letras-japoneses.
2. No Simpósio de Estudos Japoneses no Brasil, organizado pela Fundação Japão (março/1999), um tópico abordado de maneira recorrente nas oficinas foi a falta de recursos financeiros. Tendo em vista que o financiamento das pesquisas está basicamente a cargo dos governos do Japão e do Brasil, uma grande questão é como atrair o apoio financeiro da iniciativa privada, das instituições de fomento da pesquisa acadêmica e das fundações diversas.
3. Outra questão ainda lembrada várias vezes no evento acima-mencionado foi a necessidade de repensarmos o currículo e a metodologia de nossos cursos. Embora a distância entre Brasil e Japão, e a falta de recursos financeiros limitem nossa capacidade de reciclagem e atualização, precisamos ampliar nossos horizontes e estarmos a par das novas perspectivas de estudo em nossas respectivas áreas. Como isso será feito, depende do interesse, das oportunidades e da capacidade de cada um: via internet, colegas de outras instituições e países, bolsas de pesquisa, etc. O que não se pode é esperar por uma situação ideal para que nos tornemos profissionais mais competentes.

Por outro lado, estou convicto de que nossos alunos ganhariam uma visão muito mais enriquecida sobre o Japão se, por exemplo, abandonássemos a abordagem reificada desse país como sendo homogêneo e harmônico; se o estudássemos dentro de seu contexto original, que é a área geopolítica e cultural da Ásia-Pacífico; e ainda se os

alunos fossem encorajados a fazer cursos de história, língua, literatura, cultura da China, Coréia e/ou Índia.

4. Tenho visto muitos pesquisadores que chegam a fazer tese de pós-graduação sobre o Japão e depois mudam de tópico, geralmente por não vislumbrarem muito espaço de trabalho. Para remediar tal situação e garantirmos o envolvimento continuado de pessoas qualificadas, sugiro, primeiramente, que se formem grupos de estudos temáticos, cadastrados no CNPq e/ou CAPES (ou então, esses grupos poderiam ser subgrupos de outros já cadastrados nestas instituições financiadoras). Por outro lado, há a possibilidade de criarmos disciplinas relacionadas com o Japão dentro de nossos departamentos, mesmo que estas não sejam oferecidas com certa regularidade. Isso contribuiria certamente para amenizar a relativa marginalização da Ásia no currículo escolar no Brasil. Se a demanda gera a oferta, por outro lado, a oferta também pode gerar a demanda.
5. Ainda acho que precisamos encontrar uma maneira de reforçarmos o único curso de pós-graduação em estudos japoneses no Brasil, o da USP. A idéia que me ocorre é a formação de *pool* de universidades que contribuiria para ampliar o quadro de professores (que efetivamente ensinasse ou que simplesmente desse palestras e orientasse alunos).
6. Um de nossos grandes desafios se refere à falta de comunicação, de intercâmbio e de estratégia organizacional nos estudos japoneses (e asiáticos) no Brasil. No caso específico dos estudos japoneses, temos instituições como a Fundação Japão, o Centro de Estudos Nipo-Brasileiros e a Aliança Cultural Brasil-Japão que muito têm contribuído para amenizar a falta de informação neste campo. Entretanto, uma *Associação Brasileira de Estudos Japoneses* poderia contribuir enormemente para o desenvolvimento desse campo de estudo no Brasil. Por exemplo, a falta de uma obra mais completa de gramática ou história do Japão, em língua portuguesa, poderia ser solucionada com a articulação de um time de pesquisadores para compor o trabalho, "sob a batuta" dessa associação nacional. Minha sugestão nesse aspecto seria a formação de um comitê que elaborasse uma proposta de unificação de Centros e Cursos de japonês, apoiado financeiramente pela Fundação Japão para custear encontros preparatórios e contato entre as várias instituições nacionais. Outra idéia alternativa seria reforçarmos a sub-área de estudos japoneses dentro da já existente Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos (ALADAA). Esta opção, se não dá tanto destaque para os estudos japoneses, tem a vantagem de aproveitarmos uma estrutura continental e de dialogarmos com colegas que trabalham com China, Coréia, Índia e outros.
7. Por fim, talvez nosso maior desafio seja: como estudar o Japão a partir de nossa realidade e necessidades brasileiras? Em outros termos, o que significa estudar o Japão no Brasil, do ponto de vista brasileiro?

São essas, em resumo, minhas sugestões e preocupações básicas, as quais são colocadas para a avaliação de meus colegas de mesa e do público aqui presente.

Referência:

FUNDAÇÃO JAPÃO (ed.). Estudos Japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão, 1998.

PEREIRA, Ronan Alves. "Estudos Japoneses no Brasil: características e desafios". In: Fundação Japão (ed.), Estudos Japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão, 1998, p. 5-7.

_____. "Estudos Japoneses na Universidade de Brasília: uma abordagem contextual e contemporânea". In: Fundação Japão (ed.), Anais do Simpósio de Estudos Japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão, 1999a, p. 91-94

_____. "Japanese Studies in the West: Brazil Today". Tsûshin (Harvard University, Edwin O. Reischauer Institute of Japanese Studies), 1999b, vol. 5 (Part 1: Spring, no. 1, p. 3-4; Part 2: Fall, no. 2, p. 2-4).